

## A COLEÇÃO DE ROMANCES DEPOSITADA NO CENTRO DE TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUESAS “PROF. MANUEL VIEGAS GUERREIRO”, UNIVERSIDADE DE LISBOA

ANA MARIA PAIVA MORÃO

(Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias  
Linha de Investigação de de Literatura Tradicional e Tradições Populares Portuguesas  
“Professor Manuel Viegas Guerreiro” -  
Universidade de Lisboa)

[anapmorao@gmail.com](mailto:anapmorao@gmail.com)

### RESUMEN

Esta comunicación se centra en una colección de romances depositadas en el Centro de Tradiciones Populares Portuguesas 'Prof. Manuel Viegas Guerreiro' (CTPP), ahora parte de CLEPUL, Unidad de Investigación de la Universidad de Lisboa.

Se hace una breve historia de cómo nació este Centro y se constituyó el fondo, que cuenta con miles de textos de Literatura Oral Tradicional, recogidos desde 1976 a 2007, entre los que destacan cientos de versiones de romances.

La colección se divide en dos grandes conjuntos.

El más antiguo, llamado "Archivo Histórico", consiste en las colecciones realizadas en los años anteriores a los años 70 del siglo pasado, por iniciativa personal o en equipos dirigidos por investigadores de renombre y también el trabajo realizado en el marco del Servicio Cívico de 1975.

El segundo conjunto, llamado «Novas Recolhas», proviene de las colecciones realizadas en diferentes regiones de Portugal por estudiantes de grado, maestría y doctorado, en el ámbito de la disciplina y seminarios de Literatura Oral y Tradicional (LOT), impartidos y supervisados por el Profesor João David Pinto Correia en la Universidad de Lisboa, la Universidad de Madeira y la Universidad de Trás-os-Montes. El tratamiento de los romances (sistematización, clasificación, digitalización, publicación) se lleva a cabo de acuerdo con los procedimientos de los centros de estudio conocidos sobre el Romancero.

Varias de estas colecciones y resultados de investigación se difundieron individualmente, pero reconociendo la ventaja de utilizar las nuevas tecnologías en beneficio de una gama más amplia de investigadores y del público en general, el CTPP implementó el proyecto TECNOTRAD, una base de datos con las colecciones del "Archivo Histórico" y, posteriormente, el proyecto ADLOT - Archivo Digital de Literatura Oral Tradicional, basado en una parte de las "Nuevas Colecciones", ambas bases de datos en proceso de actualización.

También se pretende llamar la atención sobre las posibilidades de investigación de este fondo patrimonial y la importancia de salvaguardar esta y otras colecciones que, por su valor, pueden contribuir a enriquecer los estudios sobre el Romancero.

**PALABRAS CLAVE:** romancero portugués, colecciones, fondo de romances, bases de datos.

## ABSTRACT

This paper focuses on a collection of “romances” deposited at the *Centro de Tradições Populares Portuguesas Prof. Manuel Viegas Guerreiro* (CTPP), now part of CLEPUL, a Research Unit of the University of Lisbon.

A brief history is made of how this Center was born and the fund was constituted.

This consists of thousands of texts of Traditional Oral Literature, collected between the years 1976 to 2007, among which hundreds of versions of romances.

The collection is divided into two large sets.

The oldest, called the "Historical Archive", consists of the collections made in the years before the 70s of the last century by personal initiative or in teams guided by renowned researchers and also by the work carried out within the Civic Service of 1975.

The second set, called «Novas Recolhas», comes from the collections made by graduate, master's and doctoral students in different regions of Portugal, within the scope of the discipline and seminars of Oral and Traditional Literature (LOT), taught and supervised by Professor João David Pinto Correia at the University of Lisbon, the University of Madeira and the University of Trás-os-Montes.

The treatment of the romances (systematization, classification, digitization, publication) is carried out according to the procedures of the most prestigious centers of study on Pan-Hispanic Balladry.

Several of these collections and research results were published individually but recognizing the advantage of using new technologies for the benefit of a wider range of researchers and public in general, the CTPP implemented the TECNOTRAD project, a database with the collections of the "Historical Archive" and, subsequently, the ADLOT project - *Digital Archive of Traditional Oral Literature*, based on a part of the "New Collections", both databases in the process of being updated.

It was also intended to draw attention to the research possibilities of this fund and the importance of safeguarding this and other collections that, by their value, can contribute to enrich the studies on the Pan-Hispanic Ballads.

**KEY WORDS:** Portuguese romances, pan-Hispanic ballads, collections, heritage, databases.

## RESUMO

Esta comunicação foca-se sobre um espólio de romances depositado no *Centro de Tradições Populares Portuguesas Prof. Manuel Viegas Guerreiro* (CTPP), hoje integrado no CLEPUL, unidade de Investigação da Universidade de Lisboa.

Faz-se um breve historial de como nasceu este Centro e se constituiu o espólio, que é constituído por milhares de textos de Literatura Oral Tradicional, recolhidos entre os anos de 1976 a 2007, entre os quais centenas de versões de romances.

O acervo encontra-se dividido em dois grandes conjuntos.

O mais antigo, chamado «Arquivo Histórico», é constituído pelas recolhas efectuadas nos anos anteriores à década de 70 do século passado, por iniciativa pessoal ou em equipas orientadas por consagrados investigadores e ainda os trabalhos realizados no âmbito do Serviço Cívico de 1975.

O segundo conjunto, chamado «Novas Recolhas», provém das recolhas efectuadas por alunos de licenciatura, mestrado e doutoramento em diferentes regiões de Portugal, no âmbito da disciplina e seminários de Literatura Oral e Tradicional (LOT), leccionados e orientados pelo Professor Doutor João David Pinto Correia na Universidade de Lisboa, na Universidade de Madeira e na Universidade de Trás-os-Montes.

O tratamento dos romances (sistematização, classificação, digitalização, publicação) é realizado de acordo com os procedimentos dos mais conceituados centros de estudo sobre o romanceiro.

Várias destas recolhas e resultados de investigação foram divulgados individualmente, mas reconhecendo-se a vantagem de utilizar as novas tecnologias em benefício de um leque mais alargado de investigadores e do público em geral, o CTPP concretizou o projecto TECNOTRAD, uma base de dados com as recolhas do “Arquivo Histórico” e, posteriormente, o projecto ADLOT - *Arquivo Digital da Literatura Oral Tradicional*, com base numa parte das “Novas Recolhas”, ambas as bases de dados em processo de actualização.

Pretendeu-se também chamar a atenção para as possibilidades de investigação deste espólio e sobre a importância de salvaguardar este e outros acervos que, pelo seu valor, podem contribuir para enriquecer os estudos sobre o Romanceiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** romanceiro português, recolhas, acervo, bases de dados

## INTRODUÇÃO

O tema desta comunicação é a colecção de romances que se encontra depositada no Centro de Tradições Populares Portuguesas “Prof. Manuel Viegas Guerreiro” (CTPP), que foi um dos Centro de Investigação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa desde 1993 e que, em 2012, se juntou ao Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL), na mesma instituição universitária, do qual é hoje uma das suas Linhas de Investigação.

No entanto, o objetivo desta comunicação não é meramente apresentar dados numéricos sobre os romances depositados no CTPP, mas também chamar a atenção para acervos que, como este, necessitam de ser salvaguardados e, principalmente, estudados, uma vez que, pela sua dimensão e valor intrínseco, podem contribuir para alargar e enriquecer os estudos sobre o Romanceiro.

Assim, parece-nos pertinente mencionar brevemente a origem deste centro de investigação, para que melhor se perceba a razão de nele se encontrar um tão importante espólio romancístico. De seguida, serão dadas a conhecer algumas fases do tratamento deste acervo, que, aliás, está longe de estar concluído. Por fim, serão referidas algumas possibilidades de novas investigações, dando como exemplo a prosificação dos romances, pelo que será apresentado, brevemente, um caso de prosificação, parcial e total, do romance *Conde Claros* (IGR 0159; RPI B4), a partir de versões que fazem parte deste espólio.

## O ESPÓLIO DO CENTRO DE TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUESAS

Na verdade, para além de centenas de versões de vários romances, o espólio do CTPP (continuando por ora a chamar-lhe assim) engloba igualmente contos, lendas, cantigas, orações, rezas, provérbios, anedotas, cantigas, etc., em milhares de composições de todos os géneros e subgéneros da Literatura Oral Tradicional, nos Modos Lírico, Narrativo e Dramático, recolhidas em várias regiões de Portugal, de que se conservam os respetivos registos transcritos em papel, bem como também um acervo significativo de registos musicais em fita magnética, em cassetes de vários tipos, em CDs e em DVDs.

Em rigor, deve clarificar-se que o espólio global do CTPP se compõe de dois grandes conjuntos.

O mais antigo, chamado “Arquivo Histórico”, é constituído pelas recolhas efectuadas nos anos anteriores à década de 70 do século passado, por iniciativa pessoal ou em equipas, entre elas as de consagrados investigadores como José Leite de Vasconcellos<sup>1</sup> (os

---

<sup>1</sup> José Leite de Vasconcellos (1858- 1941) pode ser considerado o pai fundador da etnografia, da dialetologia e da arqueologia portuguesas. Do seu vastíssimo trabalho coletor, destacamos aqui apenas o *Romanceiro Português*, com Notícia Preliminar de Ramón Menéndez Pidal.

investigadores do CTPP Maria Aliete Galhoz<sup>2</sup>, Arminda Zaluar Nunes<sup>3</sup>, Paulo e Alda Caratão Soromenho<sup>4</sup> editaram alguns destes documentos), o próprio Manuel Viegas Guerreiro<sup>5</sup> e outros de que apenas referimos, sem a possibilidade de grande exaustividade, os nomes de Lindley Cintra<sup>6</sup>, Machado Guerreiro<sup>7</sup>, Lino Silva<sup>8</sup>, Jorge de Freitas Branco<sup>9</sup> e Domingos Morais. Deste arquivo mais antigo constam ainda os trabalhos orientados por Michel Giacometti<sup>10</sup> e Fernando Lopes-Graça<sup>11</sup>, realizados no âmbito do Serviço Cívico de 1975, a que nos referimentos de novo adiante.

<sup>2</sup> Maria Aliete Galhoz (1929-2020), foi uma notável filóloga, ensaísta, poeta e investigadora literária portuguesa. Repartiu o seu labor entre o estudo da literatura popular e os estudos (pioneiros) sobre Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro e o movimento modernista *Orpheu*. Colaborou com Lindley Cintra no Centro de Estudos Filológicos da Universidade de Lisboa e cooperou na edição do *Romanceiro Português* coligido por J. Leite de Vasconcellos (1958-1969).

<sup>3</sup> Maria Arminda Zaluar Nunes organizou e coordenou, com Introdução, o *Cancioneiro Popular Português*, coligido por Leite de Vasconcellos (1975, 1979, 1983).

<sup>4</sup> Paulo Caratão Soromenho e Alda da Silva Soromenho organizaram os *Contos Populares Portugueses* coligidos por Leite de Vasconcellos (1964) e colaboraram com Manuel Viegas Guerreiro na organização dos vols. IV a X da *Etnografia Portuguesa*, a partir dos documentos coligidos por Vasconcellos e que este deixara inéditos (Vasconcellos, 1933-1988)

<sup>5</sup> Para um melhor conhecimento de Manuel Viegas Guerreiro, cf. Pinto Correia (s.f.).

<sup>6</sup> Luis Filipe Lindley Cintra (1925-1991) foi uma das mais importantes figuras da Filologia e da Linguística portuguesa e produziu uma extensa obra, sendo especialmente relevantes a *Crónica Geral de Espanha de Afonso X*, *A Linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo*, a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (esta com Celso Cunha) e ainda as pesquisas feitas para a publicação do *Atlas Lingüístico da Península Ibérica*. Na sua qualidade de docente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, encorajou os alunos de Linguística a recolherem textos de Literatura Oral Tradicional para as suas Teses de Licenciatura. Foi assim que, nestas, vieram a ser integradas numerosas versões de romances. Destas, as que se encontravam inéditas, viriam a ser publicadas por Maria Aliete Galhoz em *Romanceiro Popular Português* (Galhoz, 1987-1988). Cf. Castro (s.f.).

<sup>7</sup> António Machado Guerreiro (1919-2007) foi um dos colaboradores de Viegas Guerreiro na preparação para publicação dos materiais inéditos deixados por Leite de Vasconcellos, nomeadamente nos três volumes do *Teatro Popular Português*, publicados a partir de 1974, que Machado Guerreiro enriqueceu com os próprios registos, realizados nos Açores e em Trás-os-Montes. Dedicou-se, igualmente, à recolha de inúmeras anedotas. Cf. Daveau y Medeiros (2008).

<sup>8</sup> Joaquim Lino da Silva, etnologista, dedicou-se sobretudo aos estudos africanos mas também à recolha e estudo da paramiologia.

<sup>9</sup> Jorge Freitas Branco é professor catedrático (antropologia social) no Instituto Universitário de Lisboa, com vasta obra nas suas áreas de pesquisa: materialidades, representações da técnica, história da antropologia, folclorização, culturas da laicidade. Autor, com Luísa de Oliveira, dos dois volumes de *Ao Encontro do Povo* (Freitas Branco e Oliveira, 1993a; Freitas Branco e Oliveira, 1993b). O primeiro volume, *A Missão*, descreve e analisa o trabalho de terreno realizado pelos jovens brigadistas que participaram no “Plano Trabalho e Cultura” (ver adiante); o segundo volume, *A Coleção*, é o estudo do acervo material então reunido, juntamente com uma perspetiva da museologia, do conceito de cultura popular e da sociedade portuguesa.

<sup>10</sup> Michel Giacometti (1929-1990) nasceu em Ajácio, Córsega e estabeleceu-se em Portugal em 1959, onde iniciou desde logo uma investigação etnomusical no nordeste, em Trás-os-Montes, labor que prosseguiria até ao fim da vida, pois percorreu o País de lés a lés, recolhendo cantigas, romances tradicionais, contos, cantos de trabalho e tradições, com o auxílio do seu gravador Nagra. No início dos anos 60, conheceu o maestro Fernando Lopes Graça, com cuja colaboração criou os *Arquivos Sonoros Portugueses*, dedicados à recolha, estudo, edição e divulgação da música tradicional portuguesa, editou 5 discos da *Antologia da Música Regional Portuguesa* e publicou o *Cancioneiro Popular Português*. Giacometti publicou também 12 obras fonográficas (24 discos consagrados à Música Tradicional Portuguesa), foi autor dos filmes *O Alar da Rede* e *Rão de Onor-uma reunião do Concelho*, produzidos pela Rádio Televisão Portuguesa, bem como de 60 programas radiofónicos sobre a Música Tradicional Portuguesa e as suas funções (Emissora Nacional, Rádio France, BRT, WSR, Sveriges Riksrádio) e do programa RTP *Povo que Canta*, à Música Tradicional Portuguesa. Nos anos 70, tornou-se investigador da Faculdade de Letras (Instituto de Geografia / Linha de Acção de Recolha e Estudo da Literatura Popular), funda e dirige o Plano de Trabalho e Cultura – Serviço Cívico Estudantil. Faleceu em Faro e foi enterrado, a seu pedido, em Peroguarda, Alentejo.

<sup>11</sup> Fernando Lopes Graça (1906-1994), é considerado um dos maiores musicólogos e compositores portugueses do séc. XX, autor de vasta obra sobre a Música Portuguesa.

O segundo grande conjunto é o do “arquivo recente”, a que se convencionou chamar “Novas Recolhas”, que são as efetuadas a partir de 1976 até 2007 (Pinto Correia, 2011, pp. 225-245) por alunos de Licenciatura e de cursos de Mestrado e Doutoramento no âmbito da disciplina de Literatura Oral e Tradicional ministrada pelo Professor Doutor João David Pinto Correia, principalmente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa mas também em outras instituições como a Universidades da Madeira e a de Trás-os-Montes. A este arquivo voltaremos com mais pormenor, pois é dele que nos ocuparemos, nesta comunicação.

Uma parte importante do trabalho dos investigadores do CTPP, por onde passaram numerosos estudiosos de várias nacionalidades, foi o tratamento (pesquisa, sistematização, classificação, digitalização, publicação) de todo este material, sendo um dos objetivos torná-lo disponível para uso de um leque mais alargado de investigadores e também do público em geral. Refira-se que várias recolhas e resultados de investigação de ambos os conjuntos, histórico e recente, foram divulgados pelos seus autores ou editores através da publicação de artigos e livros individuais ou coletivos, ou em comunicações em congressos e conferências, bem como, nalguns casos, na *Revista Lusitana* e nas diversas *Jornadas* temáticas anuais realizadas pelo CTPP.

Reconhecendo-se a vantagem de utilizar as novas tecnologias de informação e comunicação, assim se fez há uns anos com o projecto TECNOTRAD, que colocou na Internet uma base de dados com cerca de 12.400 registos provenientes da digitalização dos resultados das recolhas do “Arquivo Histórico” que ainda se encontravam inéditos, principalmente do *Cancioneiro*, projeto esse que em 2002 foi apresentado em Querença, Algarve (CTPP 2002). Presentemente, após mais de vinte anos após a sua criação, a base de dados SQL sobre a qual foi desenvolvido o TECNOTRAD tornou-se obsoleta, pelo que não é possível a sua consulta pública, aguardando-se oportunidade para que se possa proceder à sua migração para um sistema atualizado.

Posteriormente, e já com base numa parte das “Novas Recolhas”, o CTPP concretizou o projeto *Arquivo Digital da Literatura Oral Tradicional* (ADLOT) que foi aprovado e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) em 01-03-2010, tendo sido disponibilizado na Internet em 30 de Setembro de 2013 (ADLOT 2013)<sup>12</sup>.

Devido ao enorme volume de trabalho que significaria incluir todo o trabalho coletor das “Novas Recolhas”, que inviabilizaria a sua cabal execução do dentro do tempo aprovado para a sua execução, o projeto ADLOT optou por, deixando as anteriores para nova oportunidade, cingir-se às recolhas efetuadas entre 2002 e 2007 pelos alunos de Licenciatura (mais uma de Mestrado) da Faculdade de Letras de Universidade de Lisboa, no âmbito da disciplina de Literatura Oral e Tradicional ministrada pelo Professor Pinto Correia. Incluiu igualmente recolhas realizadas em 2004 e 2005 por alunos de um Mestrado que decorreu na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, orientado por este docente.

Este conjunto engloba cerca de 120 versões de romances tradicionais e uma vintena de romances vulgares e de cego, na distribuição que vemos abaixo<sup>13</sup>:

---

<sup>12</sup> Esteve disponível no endereço: <<http://www.adlot.fl.ul.pt/community>> [Último acesso: 10/06/2021] e encontra-se em fase de actualização.

<sup>13</sup> No ADLOT, cada versão é identificada por uma cota e é acompanhada por diversos índices: locais de recolha (povoações, aldeias, lugares, concelhos), data de recolha, nome do(s) informante(s), sua naturalidade, idade, habilitações literárias, nome(s) do(s) colector(es). A arrumação dos romances (e de todas as outras composições de Literatura Oral Tradicional que integram o projeto) é efetuada segundo a grelha de classificação elaborada por João David Pinto Correia, Investigador Responsável do ADLOT (Pinto Correia, 2011) (Ver Apêndice B – Modos e géneros – Classificação da LOT), e que fora alterada, corrigida e atualizada a partir de um artigo anterior (Pinto Correia, 1993). A identificação dos romances é feita de acordo com dois sistemas: o código

N2 – Géneros registadores-exemplares > Fados narrativas / de cego	12
Antigos Tradicionais > Assuntos vários	14
Antigos Tradicionais > Carolíngios	6
Antigos Tradicionais > Clássicos	1
Antigos Tradicionais > Históricos	2
Antigos Tradicionais > Mouriscos	1
Antigos Tradicionais > Novelescos	72
Antigos Tradicionais > Sacros	24
Romance > Vulgares	6
N2 – Géneros registadores-exemplares > Varia	35

- *Donzela Guerreira* (IGR 0453; RPI T3) – 5 versões
- *D. Yancra/La Difunta Pleiteada* (IGR 0217; RPI K4) – 1 versão
- *Claralinda* (IGR 0234; RPI M1) – 9 versões
- *Veneno de Moriana* (IGR 0172; RPI N1) – 13 versões
- *A Má Sogra* (IGR 0153; RPI L3) – 4 versões
- *Os Soldados Violadores* (IGR 0170; RPI O 04)
- *As Irmãs Rainha e Cativa* (IGR 0136; RPI H1) – 3 versões
- *A Bela Infanta* (IGR 0113; RPI I1) – 9 versões
- *Delgadinha* (IGR 0075; RPI P2) – 5 versões
- *O Parto em Terras Longínquas* (IGR 0155; RPI L2) – 2 versões
- *O Conde Alarcos* (IGR 0503; RPI L1) – 8 versões
- *Bernal Francês* (IGR 0222; RPI M5) – 1 versão
- *Rico Franco* (IGR 0133; RPI O2) – 2 versões
- *O Quintado* (IGR 0176; RPI J3) – 1 versão
- *O Quintado* (IGR 0176; RPI J3) + *A Aparição* (IGR 0168; RPI J2) – 6 versões
- *A Devota Caluniada* (IGR 0165; RPI L6) – 1 versão
- *Gerinaldo* (IGR 0023; RPI Q1) – 4 versões
- *Frei João* (IGR 0167; RPI M3) – 3 versões
- *Morte do Príncipe D. João* (IGR 0006; RPI C5) – 1 versão
- *Cid e o Mouro Búcar* (IGR 0045; RPI A14) – 1 versão
- *O Falso Cego* (IGR 0189; RPI O3) – 4 versões
- *A Nau Catrineta* (IGR 0457; RPI X1) – 2 versões
- *A Infantina* (IGR 0164; RPI X2) – 1 versão
- *O Rei e a Virgem Maria* (IGR 0192; RPI S6) – 1 Versão
- *A Merenda das Comadres* (IGR 0275; RPI X7) – 1 versão
- *A Tentação do Marinheiro* (IGR 0180; RPI U39) – 1 versão
- *O Lavrador da Arada* (IGR 0185; RPI U40) – 12 versões
- *Santa Iria* (IGR 0173, RPI U32) – 5 versões
- *O Cordão de Nossa Senhora* (IGR 0236; RPI Z3) – 9 versões
- *A Virgem Maria e o Cego* (IGR 0226; RPI U42) – 1 versão
- Ciclo do Conde Claros – 7 versões, com diversas combinações de contaminação:
- - *Conde Claros Insono* (RPI B3) + *Conde Claros Preso* (IGR 0366)

numérico de quatro algarismos iniciado por Diego Catalán *et al* (1984) e continuado em *Pan-Hispanic Ballad Project* (sigla IGR) e a combinação alfanumérica do índice de Manuel da Costa Fontes (1997), (sigla RPI). Ver Catalán *et al.* (1982-1984) cujo volume de 1984 (1.A) é dedicado à “Teoría General”, enquanto os outros fazem a inventariação dos romances de “Contexto Histórico Nacional”. A equipa da Cátedra-Seminário Menéndez Pidal e o *Proyecto sobre el Romancero Pan-hispanico* deu continuidade a este sistema de números aleatórios de quatro algarismos para identificar os romances. Este projeto contém várias bases de dados disponíveis online (bibliografia crítica, arquivo de textos representativos dos romances documentados por todo o mundo desde o séc. XV, reproduções sonoras ou notação musical das recitações originais, representação cartográfica de dados romancísticos.

- - *Conde Claros em Hábito de Frade* (IGR 0159; RPI B4) (versão versificada e versão prosificada)
- - *Conde Claros Preso* (IGR 0366)
- - *Fonte Fecundante* (IGR 0138; RPI R3) + *Conde Claros em Hábito de Frade* (IGR 0159; RPI B4)
- *Aliarda (Galiarda y Florencios)* (IGR 0149; RPI R1) + *Conde Claros em Hábito de Frade* (IGR 0159; RPI B4)

*Outros romances religiosos / orações narrativas:*

- *Maria Madalena busca Jesus* (IGR 0697; RPI U48)
- *Pai nosso pequenino* (oração paralela<sup>14</sup>) + *Cordão de Nossa Senhora* (IGR 0236; RPI X3) + *Martírio de Cristo*
- *Santo António livrando o pai da força* (IGR 4003; RPI U34)
- *Pobrezza da Virgem no Portal de Belém* (IGR 0812; RPI U1) + *Nossa Senhora Lavadeira* (RPI U7)<sup>15</sup>
- Vários do Ciclo da Paixão, tais como *Paixão do Redentor* (IGR 2898; RPI U21), *As Novas da Cruzificação chegam a Nossa Senhora* (IGR 0404).

Recuemos, agora, um pouco no tempo, antes da criação do CTPP, devendo-se esta pequena retrospectiva ao facto de o seu criador, o Professor Manuel Viegas Guerreiro<sup>16</sup>, ter tido um papel fundamental no processo que levou a uma importante fase de recolha e estudo do Romanceiro em Portugal (*cf.* Guerreiro, 1982).

Assim, começando por evocar as profundas mudanças que se deram em Portugal com o 25 de Abril de 1974, que pôs fim a largas dezenas de anos de um regime político ditatorial, lembremos que uma das mais importantes modificações, com esta revolução, se deu nas instituições universitárias. Diversificaram-se os cursos, alteraram-se os *curricula* e introduziram-se disciplinas como as Literaturas Marginais e a Literatura Oral Tradicional, temas que até então a estrutura científica da Faculdade de Letras não acolhia embora esta instituição tivesse contado, no seu passado, com conceituados investigadores nestas matérias como Adolfo Coelho, Teófilo Braga<sup>17</sup> e o próprio Leite de Vasconcellos, e que desde aquele momento passaram a ser ensinadas e teorizadas (Saraiva, 1980; Pinto Correia, 1992, pp. 101-128).

Este percurso foi tudo menos pacífico, pois na data de abertura das aulas, em Outubro de 1974, soube-se que nesse ano lectivo não iria abrir o 1º ano nas várias Universidades do País, o que afectava cerca de 28.000 candidatos.

Que fazer com esta avalanche de jovens?

Passando por alto toda a confusão que se gerou, fixemo-nos na criação do Serviço Cívico Estudantil, de iniciativa estatal, já em Maio de 1975, pois uma das acções deste Serviço seria o chamado “Plano Trabalho e Cultura”, proposto e orientado por Michel Giacometti, o etnomusicólogo francês que já realizara importantes trabalhos de recolha em Portugal.

Este Plano criou equipas formadas por candidatos ao 1º ano universitário que, depois de um brevíssimo curso de preparação, foram enviados de Norte a Sul de Portugal, numa

---

<sup>14</sup> As orações paralelas são aquelas que, não sendo as orações institucionais da Igreja, mantêm com estas uma certa relação de paralelismo, como é o caso do *Pai Nosso Pequenino* com o “Pai Nosso” ou a *Avé Maria Pequenina* com a “Avé Maria”. São, geralmente, ensinadas às crianças.

<sup>15</sup> A única versão de *Nossa Senhora Lavadeira* registada em Galhoz (1988, p. 602) foi recolhida por Manuel Viegas Guerreiro em 1978 e inclui a seguinte nota da narradora: “Era cantado nos terços, durante a Quaresma.”

<sup>16</sup> Sobre Manuel Viegas Guerreiro, *cf.* Leite (2013), que contém Bibliografia Passiva relevante.

<sup>17</sup> Teófilo Braga (1843-1924), que exerceu brevemente o cargo de Presidente da República Portuguesa, foi autor de *Romanceiro Geral Português* (Vol. I - *Romances heroicos, novellescos e de aventuras*, 1906; Vol. II - *Romances de aventuras, históricos, lendários e sacros*, 1907; Vol. III - *Romances com forma litteraria do século XV a XVIII*, 1909).

espécie de missão de aproximação ao povo, sendo uma das suas tarefas efectuar o registo da música regional e da literatura popular das áreas para onde foram destacados (Freitas Branco e Oliveira, 1993, 1994).

Estes registos deveriam ser integrados num Centro de Documentação Operário-Camponesa e os duplicados eram remetidos à Faculdade de Letras, à responsabilidade do Professor Viegas Guerreiro, que fora o autor do documento/guia *Recolha e Literatura Popular (metodologia e exemplos)*, o qual devia orientar as recolhas dos jovens brigadistas, sendo o guia do Inquérito Musical da responsabilidade de Michel Giacometti.

Estas equipas não só gravaram numerosas espécies de literatura oral tradicional, entre elas grande quantidade de romances, como elaboraram fichas escritas de identificação bastantes completas (nome de informante, local, etc., tal como hoje se faz), de acordo com as instruções recebidas.

Na transcrição dos registos obtidos, empenhou-se activamente a equipa do Professor Viegas Guerreiro, que dirigia já o projecto *Recolha e Estudo da Literatura Oral Portuguesa*, criado em 1973 na Faculdade de Letras de Lisboa. É de notar que Viegas Guerreiro colaborara já na organização da obra póstuma de Leite de Vasconcellos, no imprescindível *Romanceiro Popular Português* (Vasconcellos, 1958 e 1960).

Desta equipa que trabalhou as recolhas do “Plano Trabalho e Cultura” saíram numerosos investigadores daquele que seria o CTTP, de que destaque Maria Aliete Galhoz, também ela colaboradora na organização do *Romanceiro* de Vasconcellos e que se tornaria referência obrigatória nos estudos do romanceiro.

Aliete Galhoz incluiria os romances recolhidos pelas brigadas no seu *Romanceiro Popular Português* (sigla RPI I e II), publicado em 2 volumes (Galhoz, 1987, 1988), a partir dos duplicados das fichas de recolha de campo que lhe haviam sido confiados e de que ela se assumia como “fiel depositária”.

Estes mesmos romances foram reeditados mais tarde, em 2009, no *Romanceiro da Tradição Oral* (sigla RTO) pelo Instituto de Estudos de Literatura Tradicional (IELT) a partir de um outro conjunto de fichas (que seriam os originais na posse de Giacometti) entretanto encontrado em Cascais (Ramalhete e Júdice, 2009). Em artigo sobre esta obra, Aliete Galhoz refere a sua “relação de proximidade com estes materiais (o acervo)”, bem como as circunstâncias da recolha, e elabora uma lista na qual coteja os romances e cantigas narrativas publicados em ambas as obras (ver abaixo amostragem de um excerto da página 7 do referido artigo), que nos permite avaliar a importância do trabalho coletor brigadista. Reportando-nos apenas aos romances, verificamos que o referido cotejo conta 103 versões (9 versões de romances Carolíngios, 77 Novelescos, 17 Religiosos) dos romances *Conde Claros Preso*, *Conde da Alemanha*, *Conde Preso*, *Conde Alarcos*, *Veneno de Moriana*, *A Má Sogra*, *Frei João*, *Delgadinha*, *Bela Infanta*, *Gerinaldo*, *Donzela Guerreira*, *Claralinda*, *O Quintado*, *Lavrador da Arada*, *Santa Iria* (Galhoz, 2009).

#### RTO II

CAR. 1: Ó quem viera por i  
 CAR. 2: Aí, preso vai o conde, preso  
 CAR. 3: Já bate o sol na janela  
 CAR 4: Minha mãe faça-me a ceia

#### RPP I e II

RPP I, III: 13  
 RPP I, V: 41  
 RPP I, XXVII: 252  
 RPP I, III: 15

Em 1993, por iniciativa do Professor Viegas Guerreiro e do seu grupo de colaboradores, é criado o CTTP, que acolheu as composições tradicionais recolhidas no citado “Plano de Trabalho e Cultura”, as “Recolhas Históricas” que atrás referimos.

O espólio do Centro vê-se substancialmente aumentado e enriquecido com as já referidas Novas Recolhas provenientes dos já referidos trabalhos dos alunos (licenciandos, mestrandos e doutorandos) do Professor João David Pinto Correia, que foi o Coordenador Científico do CTPP até ao seu falecimento, em 2018.

É de notar que estas recolhas não têm um âmbito geográfico específico, nem foram direccionadas apenas para uma região, pelo que no espólio do Centro se encontram versões de romances de quase todas as regiões de Portugal (Continente e Ilhas), porque os alunos, tendo a liberdade de escolher a zona que preferissem para fazer os seus trabalhos, tendiam a procurar as regiões de onde as famílias eram originárias.

Pela mesma razão, haverá espaços geográficos onde a representatividade de romances é menor, pelo mero acaso de não haver alunos oriundos de todas as terras. De qualquer modo, pode dizer-se que, de modo geral, houve uma razoável representatividade do território português no romanceiro.

Não menos importante é lembrar que esta colecção é produto de um trabalho de cariz académico, orientado no sentido de os textos recolhidos serem transcritos com a maior fidelidade e de serem classificados de acordo com os procedimentos preconizados pelos mais conceituados centros de estudo sobre o romanceiro, entre os quais, naturalmente, o Seminário Menéndez Pidal.

Relativamente a estas recolhas e porque houve diferenças no seu tratamento, considerar-se-ão três períodos, abrangendo os anos letivos que vão de 1976/1977 a 2006/2007:

*O 1º Período vai de 1976/1977 a 1997/1998, com uma interrupção entre 1993 e 1997 (por ausência do docente):*

Estes foram, naturalmente, anos de inovação e experiência para todos, docente e alunos, o que faz com que estas recolhas não se encontrem ainda devidamente exploradas.

Não havia uma normalização do suporte escrito, a maioria dos registos era feita em folhas manuscritas e havia alguma oscilação por parte dos alunos em seguir as regras que começavam a ser instituídas.

No entanto, foi um período no qual ainda era relativamente fácil recolher romances, e este espólio merece um futuro tratamento cuidado e criterioso.

*O 2º Período vai de 1998/1999 a 2000/2001:*

Neste segundo período foi ainda recolhida uma boa quantidade e variedade de versões de romances e verifica-se um avanço significativo nos métodos de registo, transcrição e classificação dos *corpora*.

Apesar disso, ainda se estava numa fase de tentativas no que diz respeito às metodologias de exploração dos resultados, nomeadamente porque não se dispunha de programas computacionais específicos. Na verdade, as diversas abordagens vieram a revelar-se demasiado morosas e complexas para terem uma utilidade que não fosse meramente teórica.

Para exemplificar, veja-se nas figuras abaixo uma das metodologias ensaiadas que, neste caso, pretendia aferir quantos e quais os romances tinham sido recolhidos pelos alunos do ano letivo de 1998/1999, tendo em conta uma perspetiva percentual dentro do total de composições. Neste trabalho por mim executado, em cada uma das recolhas desse ano, que

recebia uma cota (tal como cada uma das composições), contava o número total das composições, tomava nota dos romances que continha, anotava o nome lhe tinha sido dado pelo informante ou o *incipit*, conferia ou retificava o nome “oficial” e fazia as observações que entendia necessárias (se estava transcrito em verso longo, quantos versos tinha, etc).

RECOLHAS DE 1998/1999 - ROMANCES					
N.º Recolha	N.º Composições	N.º Rom. indicados	Incipit	Classificação	OBS.
Ri 99/1 Total: 0	51	0	—	—	—
Ri 99/2 Total: 0	31	0	—	—	—
Ri 99/3 Total: 1	41 (42 no rel.)	1	—	—	Romance, em disquete
Ri 99/4 Total: 1	104	2* <sup>18</sup>	Estava a Bela Infanta no seu jardim sentada	Rom. Trad.: <i>Bela Infanta</i>	16 v.l.
Ri 99/5 Total: 5+1*	20	6	Numa aldeia alentejana	Cantiga narrativa ou Rom. Vulgar	7 quintilhas
			António levara para a guerra	Cantiga narrativa ou Rom. Vulgar <sup>19</sup>	24 v.c.
			Em certa aldeia indigente	Cantiga narrativa ou Rom. Vulgar	29 v.c.
			Não pode haver maior amor	Cantiga narrativa ou Rom. Vulgar <sup>20</sup>	24 v.c.
			Indo eu pela rua abaixo	Rom. Trad. <sup>21</sup> : <i>Naquela Vila Viçosa</i>	15 v.c.
			Conta a fada qu'um dia	(*?)	30 v.
Ri 99/6 Total: 3	A ficha/relatório não está no dossier	—	Vindo um lavrador da arada, e ó meu bom Jesus	Rom. Trad./Religioso: <i>Lavrador da Arada</i>	37 v.c. com o estribilho: “e ó meu bom Jesus”
			Quem quer ver a Barca Bela	Rom. Trad.: <i>Bela Infanta</i>	2 quadras
			Estava a Bela Infanta	Rom. Trad.: <i>Bela Infanta</i>	42 v.c.
Ri 99/7 Total: 3*	A ficha/relatório	—	—Nei encontro um casal	(*?) Cantiga narrativa ou	28 v.c.

<sup>18</sup> No relatório do dossier da Classificação por Cota estão indicados dois romances (1 épico e 1 *Infantina*) que não foram encontrados na Recolha.

<sup>19</sup> Sem relação com o *Quintado*.

<sup>20</sup> *História do Amor de Perdição*, Camilo Castelo Branco.

<sup>21</sup> Cf. Galhoz (1987, I, p. 347).

	não está no dossier			anedota em verso	
			E ó manobrava o marinheiro e a voz dava que se afogava	(*?) Testamento, em verso?	16 v.l.
			(...) os meus boizinhos, ai! Com eles me fui arar	(*?) Rom. Trad. <sup>22</sup> : <i>O Gato do Convento</i>	12 v.l.
Rc 99/8 Total: 2	124	2	Vindo um lavrador da arada	Rom. Trad./ Religioso: <i>Lavrador da Arada</i>	38 v.c.
			Estava a bela Infanta	Rom. Trad.: <i>Bela Infanta</i>	42 v.c.
Rc 99/9 Total: 5+1*	A ficha/relatório não está no dossier	—	—	(*?) Cantiga narrativa, prosificada	—
			Deitei sortes à ventura	Rom. Trad.: <i>Nau Catrineta + Donzela Guerreira</i>	49, em quadras e sextilhas alternadas
			Oh, quem me dera uma mãe	Cantiga narrativa ou Rom. Vulgar	24 v.c
			—Quem quer ver a Barca Bela	<i>Barca Bela</i>	8 v.c.
			Vindo um lavrador da arada	Rom. Trad./ Religioso: <i>Lavrador da Arada</i>	34 v.c.
			Estava a Bela Infanta	Rom. Trad.: <i>Bela Infanta</i>	43 v.c.
Ri99/10 Total: 3	47	3	Onde vais ó Adelina	Cantiga narrativa ou Rom. Vulgar	8 quadras
			A filha de um fazendeiro	Cantiga narrativa ou Rom. Vulgar	7 quadras, cada uma c/3 últ. vs. repetidos
			Numa aldeia alentejana foi horror	Cantiga narrativa ou Rom. Vulgar	18 v.

<sup>22</sup> Cf. Galhoz (1987, I, p. 277).

Rc 99/11 Total: 2+1*	67	2	Meus senhores é para ouvir	Cantiga	
			Andava um garotinho com dez anos	Cantiga narrativa ou Rom. Vulgar	9 quadras
			Chamava-se Maria Rosa	Cantiga narrativa ou Rom. Vulgar	14 sextilhas
Rc 99/12 Total:12+1*	168	13 (* -ver o nr.40)	Largo de Vila Viçosa	Romance Tradicional: <i>Naquela Vila Viçosa</i> <sup>23</sup>	25 v.c.
			Além vem Jesus	(*?) Romance religioso	20 v.c.
			Ó padres de Vila Franca	Cantiga narrativa ou Rom. Vulgar	26 v.
			Dia 30 de Maio	Cantiga narrativa ou Rom. Vulgar	31 vs. desiguais
			Sta. Iria estava um dia à sua porta assentada	Rom. Trad./ Religioso: <i>Santa Iria</i>	34 v. l.
			(...) Estava o seu bendito filho pregado numa cruz	Rom. Religioso	9 v. desiguais
			Na noite de S. João	Rom. Trad.: <i>Frei João</i> <sup>24</sup>	44 v.c.
			O rapaz vinha da borga	Cantiga narrativa ou Rom. Vulgar	11 v.c.
			No cemitério d'além	Cantiga narrativa ou Rom. Vulgar	10quadras, 2 incompl.
			Que fazes tu criança	Cantiga narrativa ou Rom. Vulgar	31 v. c.
			—Ó minha tia	Cantiga narrativa ou Rom. Vulgar	20 v.c.
			Deus te salve, ó Breniana	Rom. Trad.: <i>Veneno de Moriana</i>	24 v.c. (ver final)
			Numa aldeia tão branquinha	Cantiga narrativa	31 v.c.
Rc 99/13 Total: 6+1*	173	5	No dia cinco de “janero”	Cantiga narrativa VARIA	13 v.c.
			Indo a D. Silvana, indo a D. Silvana	Rom. Trad.: <i>Conde Alarcos</i>	100 v.l.
			Indo a D. Silvana pelo corredor acima	Rom. Trad.: <i>Conde Alarcos</i>	29 v.l.

<sup>23</sup> Cf. Galhoz (1987, I, p. 347).

<sup>24</sup> Cf. Galhoz (1987, I, p. 267).

			'Stando a D. Infanta no sê jardim assentada	Rom. Trad.: <i>Bela Infanta</i>	25 v.l.
			Era um rei que era casado e a rainha	*Conto: <i>O rei e a rainha teimosos</i>	Conto
			Estava a Bela Infanta no seu jardim assentada	Rom. Trad.: <i>Bela Infanta</i>	15 v.l.
Ri 99/14 Total: 1	A ficha/relatório não está no dossier	—	Lá vem a nau Catrineta-que tem muito que contar	Rom. Trad.: <i>Nau Catrineta</i>	23 v.l.

Depois, elaborava o apanhado de todos os romances de todas as recolhas efetuadas nesse ano, anotando as versões de cada um, adicionando as observações que entendia pertinentes.

RESULTADOS DA RECOLHA DE 1998/1999 (RESUMO)
Romances tradicionais - 20 7 - <i>Bela Infanta</i> (Novelescos, “Regresso do Marido”) – N.º 1, 9, 10, 15, 21, 44 e 46 1 - <i>Veneno de Moriana</i> (Novelescos, “Mulheres Matadoras”) – N.º 39 2 - <i>Conde Alarcos</i> (Novelescos, “Esposa Desgraçada”) – N.º 42 e 43 1 - <i>Nau Catrineta</i> + <i>Donzela Guerreira</i> (Assuntos Vários) – N.º 17 1 - <i>Frei João</i> (“Adúltera”) – N.º 34 1 - <i>O Gato do Convento</i> (“Adúltera”) – N.º 13 2 - <i>Naquela Vila Viçosa</i> (“Raptos e Violadores”) – N.º 6 e 28 1 - <i>Nau Catrineta</i> – N.º 47 3 - <i>Lavrador da Arada</i> (Religiosos) - N.º 8, 14 e 20 1 - <i>Sta. Iria</i> (Religiosos) - N.º 32
Outros romances religiosos – 2 (N.º 29 e 33)
Romances vulgares ou cantigas narrativas: 22 (N.º 2, 3, 4, 5, 7, 11, 12, 18, 22, 23, 24, 26, 27, 30, 31, 35, 36, 37, 38, 40, 41 (Inclui uma Cantiga narrativa, totalmente prosificada: N.º 16)
Romance de cego – 1: (N.º 25)

O 3º Período vai de 2001/2002 a 2006/2007:

Face à morosidade do procedimento anterior, decidiu-se intensificar a implementação de uma alteração profunda e, neste período, foi então seguida uma nova metodologia, de modo a que os resultados se adequassem aos objetivos científicos pretendidos.

Os próprios alunos tinham já regras específicas a seguir. Tendo sido normalizadas as fichas de transcrição (tamanho A5, com cota, numeradas, com todos os elementos de identificação) faziam um relatório de recolha mais sistematizado e deveriam classificar as composições de acordo com o sistema classificatório concebido pelo Professor João David Pinto Correia para a Literatura Oral Tradicional.

EXEMPLO DE FICHA NORMALIZADA ( <i>CONDE CLAROS</i> , IGR 0159)
Rc 16 (2002)-97 —Minha mãe, faça-me a ceia que eu cedo quero cear. Tenho uma aposta feita, hei-de a perder ou ganhar,

<p>E dormir com Mariana até o Sol reinar.  —Ó meu filho, não apostes, que não te vale apostar;  Mariana é muito séria, não se deixa enganar.  —Eu vou-me vestir de dama e ao jardim lhe vou falar.  Mas, tão boa hora foi, que ela, hoje, estava a adobar.  —Boa tarde, donzelinha, não sei como a hei-de chamar.  —Doba, doba, adobador, não deixes de adobar,  Que a minha casa é tão longe, mas nela hei-de ficar.  —Na sua casa não fica, na minha pode ficar.  Lá dentro do meu quarto, não há que desconfiar.  Mariana, de contente, nem à noite quis cear,  Mas, lá pela noite adiante, já lavadinha a chorar:  —Cala-te, Mariana, não chores, não te vale a pena chorar,</p>	-1-
<p>Rc 16 (2002)-107</p> <p>Eu sou um conde solteiro para contigo casar.  Aí, passando uns meses, seu pai estava a jantar:  —O que é isso, ó Mariana?! Teu vestido a empinar?!  —Isto foi da costureira que não me soube arredondar.  Palavras não eram ditas e a costureira a chegar:  —Teu vestido, Mariana, eu te soube arredondar.  Trazes dentro do teu ventre, Deus te queira alumiar!  Luxa, luxa, Mariana! Tu não deixes de luxar.  Se ainda hoje vais à lenha, amanhã, te vais queimar.  Mariana foi para dentro, mas lavadinha a chorar:  —Já por cá não há quem queira o meu dinheiro ganhar.  Mas o anjo do céu falou: Novas eu vou levar.  —Vai dizer ao Senhor Conde que amanhã me vou queimar.  —Boa tarde, ó Senhor Conde, novas lhe venho levar.  A madre com quem dormiu, amanhã, se vai a queimar.  —Que me importa se a queimem, como me a deixem queimar  Mas só a pena que me arrasta é o meu sangue reinar.</p> <p style="text-align: center;">-2-</p>	
<p>Rc 16 (2002)-107</p> <p>Palavras [...]  —... jornadas temos de dar.  Ferraduras de bronze numa hora se hão-de gastar.  —Esse carro que aí vai mo façam já parar!  Vai lá uma menina dentro que ainda vai por confessar.  Lá no meio da confissão dois beijinhos ma há-de dar.  —Cara que o conde beijou, não é para frades beijar.  [...]  —[...] Conde Tavares</p> <p>Pois sou eu, ó menina, que da morte a venho salvar!</p>	-3-
<p><i>Informante:</i> Inácia Faustino  <i>Naturalidade:</i> Carrascal  <i>Idade:</i> 67 anos  <i>Habilitações literárias:</i> 3 anos Ensino nocturno  <i>Local:</i> Carrascal - Alcobaça  <i>Data da recolha:</i> 27-4-2002  <i>Recolector:</i> Lília Machado (Nelson Gonçalves e Raquel Carapinha)</p>	

Estas circunstâncias facilitaram, na sua maioria, a digitalização e subsequente introdução das composições a ser incluídas no ADLOT, se bem que o sistema classificatório tenha sido, entretanto, ajustado para o projeto, o que obrigava a uma constante verificação dos critérios e a clarificação de alguns destes.

No ADLOT, as composições podem ser consultadas segundo vários parâmetros/filtro de busca e cada uma delas aparece com o título, a cota, a transcrição completa, local e data de recolha, identificação do informante (nome, idade, naturalidade, habilitações escolares), nome do colector ou colectores, a classificação de Modo e Género, as contaminações se as houver, e os respectivos índices (IGR, RPI). Inclui, igualmente, um mapa de localização.

Há que notar que a disciplina de Literatura Oral Tradicional extinguiu-se na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa com a aposentação do Professor Pinto Correia, pelo que cessou o labor de recolha pelos alunos de licenciatura, mas o seu trabalho, sendo sido depositado no CTPP por acordo expresso daqueles, poderia continuar a ser tratado pelos seus investigadores, e assim se fez.

Por exemplo, no período de 2007 a 2010, o CTPP encontrava-se a desenvolver o projecto global *TradLIP-LUS (Tradições e Literatura Popular – Transversalidades nas Mentalidades, nos Discursos e nas Metodologias)*, que integrava vários grupos de trabalho, entre os quais destacamos o intitulado “Literatura Oral e Tradicional – classificação e estudo de um *corpus* português”, de que fiz parte.

Posteriormente, o CTPP (agora Linha de Investigação de Literatura Tradicional e Tradições Populares Portuguesas “Prof. Manuel Viegas Guerreiro” do CLEPUL) tem vindo a concentrar esforços para a preservação, estudo e divulgação do seu espólio, bem como a apoiar algumas autarquias, associações culturais, escolas ou indivíduos que pretendem levar a cabo projetos nesta área.

#### POTENCIALIDADES DO ESPÓLIO

O objectivo desta comunicação não é, como já disse, apresentar meramente listas de romances existentes no espólio do CTPP mas é, sobretudo, perceber as suas potencialidades para o estudo do romancelheiro.

Na verdade, e porque esta colecção abrange um espaço de tempo longo e uma área geográfica variada, ela permite-nos enveredar por vários tipos de estudos, tal como, por exemplo, a possibilidades de contribuir para o estudo da prosificação dos romances, fenómeno que se vai verificando na tradição oral.

Sem, por agora, me deter sobre as causas do fenómeno nem sobre a questão de como classificar versões totalmente prosificadas<sup>25</sup>, apresento um caso retirado do espólio do CTPP.

Trata-se de um curto número de versões de *Conde Claros em Hábito de Frade* (IGR 0159; IGR B4) recolhidas por vários alunos de Literatura Oral Tradicional, do Professor Pinto Correia, em anos letivos diferentes. As versões apresentam diversos estádios de prosificação, desde a presença parcial de partes narrativas (em itálico) numa maioria versificada, passando pela manutenção de versos do romance (alguns com graus de alteração diversos) numa maior

---

<sup>25</sup> Não é meu objectivo aprofundar aqui a questão da prosificação mas sim realçar que o espólio do romances depositado no CTPP permite esse e outro tipo de estudos sobre o romancelheiro, mas aponto alguns estudos sobre a questão, entre outros os de Ana Valenciano (1998, 2006), Michelle Debáx (2006), Pedro Ferré (2006).

parte prosificada (a negrito as passagens que remetem para os versos do romance), até à sua completa transformação em conto, a que não falta a consagrada fórmula “Era uma vez”.

a) *Com Introdução narrativa*

Cota: Ri 4 tm (2005) 25

(Nota – Publicada no ADLOT)

*Era uma filha do rei, que o exemplo gostou de um conde também, mas o conde também era ciumento que era uma desgraça. E aí ele gostava muito dela e ele morava distante, quer dizer morava longe, mas ele chegou lá e disse, falou p'ra ela e disse:*

—Bem podias Galanducha ser uma hora ao meu mandado.

—Serei uma, serei duas, se tu não te fores gabar! (*Respondeu ela*)

O conde tirou a espada meia fora da bainha.

—Esta me role ao pescoço se a [.....] descobriria.

Ainda o sol não rasgava, o dia não clareava.

Já o Conde Montalvar, na sala onde o seu pai estava. (*Na sala do pai dela*)

—Esta noite que passou eu dormi um belo sono no colo de uma linda dama.

Mais bonita que o sol, mais alva que o claro dia.

Eles olharam uns para os outros: —Quem seria, quem será?

—Foi a dama Galanducha, qu' outra mais linda não há.

*Respondeu o seu pai:*

—Se eu soubera de ser ela eu a mandaria chamar.

Para fechá-la em alto quarto, e de lá mandava-a queimar.

Ela ia pela escada fora, toda cheia de pesar.

—Ah, quem me dera aqui quem me fosse leal.

E sempre foi a sorte dela uma velhinha se chegar.

—Aqui tendes, ó menina, o que de mim precisar.

—Eu quero que a senhora leve, carta ao conde Montalvar.

Se ele estiver em casa, faz favor de lha entregar.

Se ele estiver para a caça, faz favor, mande chamar.

—Aqui tendes, senhor conde, carta de muito pesar.

Que é a dama Galanducha, que o seu pai manda queimar.

—Eu não me importo que ele a queime, como a deixe de queimar.

Só me pesa ela levar, de mim o sangue real.

Começou a ler a carta, começou a suspirar.

Mandou chamar os moços, depressa, não devagar.

Para mandar calçar os burros, de bronze para não gastar.

Viagem de quinze dias, em três se houvera de dar.

O conde era ciumento, vejam o que ele pensou fazer.

Ele vestiu-se de padre, para ninguém o conhecer.

*Chegou à presença do pai, do rei, porque ela já estava era pronto para... e então disse:*

—Esta menina que aí vai ainda está p'ra confessar.

*O pai respondeu:*

—A fogueira já está pronta, depois pode-se apagar.

—Enquanto o senhor janta, eu irei-na confessar.

*E depois ele foi, agora ele começou-na a confessar. Ela cá estava sem maldade, já não o conhecia, então disse:*

—Confesse menina confesse, saiba bem se confessar.  
Que no meio da confissão, um abraço me vai dar.  
—Eu prometo a Deus do Céu, por a minha pretindade.  
Onde conde põe seus braços, mais ninguém há-de tocar.  
—Confesse menina confesse, saiba bem se confessar.  
Que no meio da confissão, um beijinho me vai dar.  
—Eu prometo a Deus do Céu, por a minha pretindade.  
Onde conde pôs seus lábios, mais ninguém há-de tocar.  
—Dizei-me agora menina, se não teve outros amores.  
—Eu não tive outros amores, nem houvera de os tomar.  
Por medo desse cruel home, meu pai me manda queimar.

*Ele trouxe ela ao pé do pai e disse:*

—Esta menina é minha, que me deram por sentença.  
Que eu arrematei em Roma, num exame de consciência<sup>26</sup>.

*b) Parcialmente prosifcado*

Cota: RC 99/13

(Nota: Título na Recolha: Lenda do Rei de Leiria)

*Ele tinha uma filha e era muito ciumento com ela.  
O nome dela era Mariana. Ele mandou **encerrar** a Mariana num quarto virado para o mar, pensando que ninguém via a filha. Mas foi vista pelo conde de Mont' alvar e ele gostou dela.*

*Ele **disfarça-se de marinheiro** vai em direcção à janela de Mariana. Era de noite, ele engana-a mostrando-se triste, então ela pergunta-lhe:*

—O que tens marinheiro, estás *tã* triste no mar?

*E ele respondeu:*

—Fez-se-me de noite, sózinho *nã* tenho p'ra onde puxar.

*E ela voltou e disse-lhe:*

—Suba p' *ró* *mê* quarto que nele terá lugar.  
—E o *sê* pai Dona Mariana *nã* vos mandará matar?  
—O que for há-de soar.

*Então ele entra para o quarto de Mariana. No dia seguinte, quando a gente do reino se reuniu, o conde afirma:*

—Ai, ai, eu esta noite dormi *c'um* a melhor flor *qu'havia*.

---

<sup>26</sup> Local de recolha: Sítio da Maiata, Machico, Porto da Cruz, Ilha da Madeira; Informante: Jesuína de Gouveia  
Colector: Edite Fidalgo; Classificação: N - Modo Narrativo > N2 - Géneros registadores-exemplares >  
Romance > Antigos Tradicionais > Carolíngios; Classificação Adicional: *Aliarda + Conde Claros em hábito de frade*;  
Índices: IGR: 0149; RPI: R1 + IGR: 0159; RPI: B4.

*Os outros perguntaram-se com quem seria, houve um que disse:*

—Foi com a Dona Mariana, filha do ré de Leria.

*Era a melhor flor que havia naquela corte, desta forma o rei fica a saber e dirige-se para o palácio e manda chamar a sua filha:*

—Paizinho aqui me tendes, o que me queres?

—O que tens tu, Mariana, que já **a saia t 'alevanta?**

—Ah! *nã* desconfie meu paizinho, nem se ponha a desconfiar.

Este pano da saia mal talhada, quê não a soube talhar,  
mas ao fim de nove meses algum remédio s 'há-de dar.

—O que dizes Mariana, qu 'eu mando-te já matar.

—Meu pai, amo e senhor, *poderá-o* fazer depois de mandar entregar uma **carta** ao senhor conde de Mont'alvar.

*O pai dela aceitou. O pai mandou reunir os seus vassais e levar a sua filha para a **força**. Ela tinha que passar à frente da igreja, mas tinha a ordem do pai de não se poder confessar. Mas o conde de Mont'alvar **disfarçou-se de padre** e coloca-se à porta da igreja e obrigou a moça a ir confessar-se porque não podia ir para a força sem se **confessar**.*

*Os vassais do rei não tivera outro remédio senão deixar Dona Mariana ir confessar-se.*

—Confesse-se lá menina e saiba-se confessar

**qu 'a meio da confissão um abraço m 'há-de dar.**

—Onde o senhor Conde pôs os braços

**nã é p 'ró** senhor prior apalpar.

*Ele repete:*

—Confesse-se lá menina e saiba-se confessar

**qu 'ó fim da confissão um beijinho m 'há-de dar.**

—P'ras palavras que 'tou a ouvir e as rezões que m'está a dar,  
está-se-me quase a parecer o senhor conde de Mont'alvar.

—Anda p'ra esta sala *qu'ali* taremos aonde escapar.

Trota p'ra este cavalo e saibas t'atromar,  
diz agora ao teu pai que venha cá te matar.

*E fugiram*<sup>27</sup>.

### *c) Parcialmente prosificado*

Cota: Ri 17-99/00

*Um Rei tinha uma filha e disse-lhe que se algum dia le desse algum desgosto, que fosse dormir com algum homem, ele que a mandava matar.*

*Foram lá muntos mandados pelo pai. Houve um que lhe jurou em pés de verdade que não dizia. Ainda não tinha o sol nacido e já s' estava **a gabar** que tinha dormido c 'ua filha do Rei Baltasar.*

*E depois o pai mandou arranjar um tractor de lenha e deitou-o num monte para pôr lá **a filha a arder**.*

---

<sup>27</sup> Informante: Maria Emília Catarro; Naturalidade: Aldeia da Tramaga; Idade: 68 anos; Habilitações Literárias: Sabe ler e escrever; Local: Évora; Data de Recolha: 01.04.1999; Receptor: A.R., I.O., I.D. e S.D.

*Ele (o homem que tinha dormido com ela) disse:*

*- Se me fores leal eu caso contigo e deixo-te fugir que não és queimada.*

**Ele vestiu-se de frade** e veio a cavalo, e já a levavam na comitiva para a queimarem e ele disse:

—Onde vão, ó meus senhores, vão queimar essa menina **mas ainda vai por confessar.**

*E ópois o pai disse:*

—**Confesse-a o Senhor Padre** enquanto nós vamos jantar.

*E disse-le, quando a' stava a confessar:*

—**Diga, diga menina** *qu 'é p'ra* se salvar,  
**ó meio da confissão** *um beijinho m 'há-de* dar.

*E ela respondeu:*

—**Isso não é mandado de Deus** *nem por santos de altar,*  
**Onde Conde pôs os lábios** *não é para padre beijar.*

*Depois tornava:*

—**Diga, diga menina** *qu 'é p'ra* se salvar,  
**ó meio da confissão** *um abraço m' 'há-de* dar.

*E ela respondeu outra vez:*

—**Isso não é mandado de Deus** *nem por santos de altar,*  
**Onde Conde pôs os braços** *não é para padre abraçar.*

*Ele, então, mandou-a subir para o cavalo e fugiram, e quando vieram de jantar não incuntraram ninguém<sup>28</sup>.*

d) *Totalmente prosificado* – “*Conto o conde de Montalvão e a princesa Orela*”:

Cota: Rc 17 (2005) 156

Era uma vez uma jovem princesa que nunca saía de casa com medo de ser enganada por algum mal-intencionado. Por isso não saía de casa e passava os dias a tecer. A verdade é que a princesa tinha fama de ser uma mulher esperta mas muito reservada e a todos parecia ser impossível roubar-lhe o coração. Assim constava em seu reino. O príncipe seu irmão contava aos seus amigos que não havia homem no mundo capaz de enganar a irmã. Tanto a gabou que **um dia o Conde de Montalvão apostou com ele que era capaz de conquistar a princesa**. Puseram moedas em cima de uma mesa e apostaram.

**O Conde foi até à ponta do Castelo disfarçado de mulher**. Chegou perto da janela do quarto da princesa e pôs-se a andar rua acima, rua abaixo até que a princesa se assomou à janela e vendo ali aquela mulher sempre a andar perguntou:

—Senhora, porque andais rua acima, rua abaixo?

—Sou tecelã, tenho o tear a tecer e as faltas venho buscar.

---

<sup>28</sup> Informante: Piedade Pinheiro; Naturalidade: Moimenta da Serra; Idade: 72 anos; Habilitações literárias: 3a classe; Local: Moimenta da Serra; Data da recolha: 24.04.2000; Receptor: Eunice Lopes.

—Eu sou a princesa Oreia e também gosto de tecer. Quer a senhora ver os meus trabalhos?

—Seria uma grande honra, minha princesa! - respondeu a mulher.

Então a princesa mostrou à mulher todos os seus trabalhos. A mulher gostou muito dos trabalhos da princesa. E assim se passou a tarde e chegou a hora do jantar. Oreia mandou que fosse colocado na mesa mais um quanto. Depois do jantar ficaram a conversar e a noite chegou:

—Fique cá a dormir. Pode dormir com uma das criadas. - propôs Oreia.

—Com a criada não, ó gentil princesa! Gostaria, isso sim, de passar a noite contigo! Não imaginas a honra que me darias e o que significaria para mim.

Não entendendo a maldade da convidada, a princesa acedeu. Deitaram-se e quando a noite já ia alta o Conde de Montalvão despiu o disfarce e aproveitou-se da princesa. Ela ainda tentou gritar:

—Não grites, Oreia, não grites! Não te dês a difamar! Na cama tens quem te há-de aproveitar - disse-lhe ele.

No dia seguinte, o Conde de Montalvão regressou à corte, onde contou a sua proeza e reclamou a aposta. O príncipe nem queria acreditar que este havia enganado a irmã que era tida por muito esperta.

**A façanha do Conde depressa andou de boca em boca e depressa se espalhou por todo o reino.** Quando chegou aos ouvidos do Rei, os corvos voaram em bando formando uma nuvem negra no céu. A princesa Oreia tinha sido desonrada. Para tal deslize só havia um castigo, a fogueira. **O Rei mandou cortar lenha e preparar uma enorme fogueira na praça.**

Oreia; quando soube da decisão do pai, escreveu ao Conde:

“Conde,

Voam em bandos os corvos e toldam de escuro os céus por vossa causa, pela vossa manha meu pai vai mandar-me sem dó nem piedade para a fogueira. Hoje botam a lenha e amanhã serei queimada.

Oreia.”

Quando leu a carta da princesa, o Conde de Montalvão vestiu o capote, escolheu o cavalo mais veloz e correu o mais que podia até chegar ao castelo de Oreia. Logo a viu nas mãos dos guardas e perguntou-lhes:

—Onde ides com a donzela?

—Por ordem do nosso Rei, hoje botamos a lenha, amanhã a iremos queimar.

—Pois então chamai um sacerdote para a confessar.

Assim o fizeram. No dia seguinte a praça encheu-se de gente para ver a princesa a ser queimada. **Aproximada a hora colocaram a princesa num tronco em que ao redor tinham colocado a lenha e chamaram o sacerdote para confessar a princesa.** Este veio num lindo cavalo.

—Eis a princesa Oreia enganada em seu leito e condenada à fogueira por este deslize. Confessai-a antes de darmos fogo à fogueira —mandaram os guardas.

—Confessá-la-ei sim, mas não presa a este tronco. Deverei deixá-la montar no meu cavalo —disse o sacerdote.

Os guardas assim o fizeram. Rezado o acto da **contrição o sacerdote pediu um beijo à princesa.** Esta, surpresa, respondeu-lhe:

—**Beijo não lho dou, porque os meus lábios onde o Conde de Montalvão pôs os lábios, frade nenhum os porá!**

—Depois **o sacerdote pediu-lhe um abraço,** e ela replicou:

—Abraço não lhe dou, porque onde o Conde pôs os braços, frade nenhum os porá!

Comprovado o amor da princesa, o conde retirou o capuz da cabeça e voltou-se para os guardas e disse:

—Nessa fogueira queimai animais, porque a princesa Oreia me ama e eu quero amar e por isso com ela vou casar!

O sacerdote era o Conde de Montalvão. Dito isto, **soltou as mãos à princesa, cravou as esporas no cavalo e arrancou a galope rumo à felicidade**<sup>29</sup>.

A estas versões de o *Conde Claros* junto outra, embora não depositada no Centro de Tradições, mas recolhida por mim, em 2018, porque me parece um bom exemplo que a rara utilização dos romances nos nossos dias não apaga por completo, necessariamente, a memória dos versos.

Neste caso, a prosificação é mínima e consiste numa introdução que me parece devida, sobretudo, à vontade da informante de explicar bem à coletora qual é o tema e qual a razão de ser da narrativa do romance, ao qual chama, não sabendo explicar porquê, *Conde de L'Asmenha*.

*Ela apareceu grávida. E naquela altura, tinha que ser queimadas.  
Sei muito pouco.  
E já estava lá com a lenha metida  
E ela disse assim.  
Foi na véspera de ser queimada*

—Alguns dos meus criados que meu dinheiro queira ganhar  
Vá-me levar esta carta ao conde d'Além-mar

*E um dos criados lá foi levar a carta. Depois ele disse para os criados dele.*

—Correi todos, meus criados, ferrar os meus cavalos  
Com ferraduras de ouro para que não possam quebrar  
Que jornada de oito dias numa noite têm que andar.

*E ele foi a correr, vestido de frade e disse.*

—Alto lá, meus senhores, a donzela que vandes queimar inda não foi confessada.

*E naquela altura os frades tinham muito que fazer e lá foi a confessar e ele diz-lhe assim:*

—Olha um [...] de uma Avé-Maria um beijinho me hás-de dar.

—Isso nem a Deus permito nem a santos do altar,  
Boca que o conde beijou ninguém mais vai a beijar.

—E ao pedir de um Padre-Nosso um abraço me vais dar.

—Isso nem a Deus permito nem a santos do altar,  
Braços que abraçaram conde mais ninguém vão abraçar.

—Pelo seu modo de falar já o estou a conhecer

É o conde, é o conde de aquelas bandas do mar.

—Salta aqui para o meu cavalo diz agora ao teu pai que aqui te venha roubar.

*E lá a levou (não me lembro de mais)*<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> Informante: Esperança Guardiã; Naturalidade: Nave de Haver, Almeida, Guarda; Idade: 52 anos; Habilitações Literárias: Ensino Básico; Local: S. Mamede, Lisboa; Ano de recolha: 2005; Coletor: Ana Lima e Sara Gamito.

<sup>30</sup> Data da recolha: 28 de Abril de 2018; Local: Montalvão, concelho de Nisa (d. Portalegre); Informante: Maria Belo Henrique (“Leandra”); Idade: 86; Naturalidade: Montalvão; Coletora: Ana Maria Paiva Morão.

Para concluir, retomo e insisto no objetivo inicial desta comunicação, que é a de dar a conhecer, a nível internacional, que existe um valioso espólio de romances depositado numa instituição universitária portuguesa de prestígio, como é a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e que não se limita à pequena amostragem que aqui foi referida.

Encontram-se ainda por tratar, ao mesmo nível dos que foram incluídos no projeto ADLOT, os romances recolhidos nos dois períodos atrás citados —de 1976/1977 a 1997/1998 e de 1998/1999 a 2000/2001— que provêm de recolhas efetuadas quando a disciplina de Literatura Oral Tradicional era anual e não semestral e realizadas num período de tempo em que estas composições estavam ainda presentes na memória dos informantes, o que tem como consequência uma maior riqueza na quantidade e variedade dos espécimes romancísticos recolhidos. É, portanto, de todo o interesse que seja prosseguido o estudo deste espólio.

Finalmente, espero ter demonstrado, com o simples exemplo que dei das potencialidades de estudo do Romancero, que há ainda muito a fazer, tanto neste campo como no da salvaguarda de espólios como o do antigo Centro de Tradições Populares Portuguesas, o que, espero, acontecerá.

#### BIBLIOGRAFÍA CITADA

- ADLOT (2013) = *Arquivo Digital da Literatura Oral Tradicional* (2013). Recuperado de: <<http://www.adlot.fl.ul.pt/community/#front>> [Último acesso: 10/06/2021].
- Castro, I. Lindley Cintra. *Biografias*. Instituto Camões. Recuperado de: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:jduezKUI6B4J:cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xx/lindley-cintra.html+&cd=1&hl=es&ct=clnk&gl=pt#.YMJIOjZ1BQI>> [Último acesso: 10/06/2021].
- Catalán, D., Cid, J. A., Mariscal, B., Salazar, F., Valenciano, A. y Sandra R. (1982-1984). *El Romancero Pan-Hispánico - Catálogo General Descriptivo / The Pan-Hispanic Ballad - General Descriptive Catalogue*, 3 vols. Seminario Menéndez Pidal.
- CTPP (2022) = Centro de Tradições Populares Portuguesas 'Professor Manuel Viegas Guerreiro'. *Workshop 'Projecto Tecnologia e Tradição: Informatização de arquivos etnográficos do CTPP'*. Querença. Recuperado de: <<https://slideplayer.com.br/slide/1687620/>> [Último acesso: 10/06/2021].
- Daveau, S. y Medeiros, C. A. (2008). Contribuição para a bibliografia de António Machado Guerreiro. *Finisterra*, 43 (86), 111-114.
- Débax, M. (2006). La imposible transcripción de la oralidade. En Santiago, R., Valenciano, A. y Iglesias S. (eds.), *Tradiciones discursivas: edición de textos orales y escritos* (13-28). Editorial Complutense.
- Ferré, P. (2006). Etapas em la edición del Romancero portugués. Santiago, R., Valenciano, A. y Iglesias S. (eds.), *Tradiciones discursivas: edición de textos orales y escritos* (87-100). Editorial Complutense.
- Fontes, M. Da C. (1997). *O Romancero Português e Brasileiro: Índice Temático e Bibliográfico / Portuguese and Brazilian Balladry: a Thematic and Bibliographic Index*, selecção e comentário das transcrições musicais de Israel J. Katz e correlação pan-Europeia de Samuel G. Armistead, 2 vols. Hispanic Seminary of Medieval Studies.
- Freitas Branco, J. e Tiago de Oliveira, L. (1993). *Ao Encontro do Povo – I. A Missão*. Celta Editora.

- Freitas Branco, J. e Tiago de Oliveira, L. (1993). *Ao Encontro do Povo – II. A Coleção*. Celta Editora.
- Galhoz, M<sup>a</sup> A. (1987-1988). *Romanceiro Popular Português*, 2 vols. Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Galhoz, M<sup>a</sup> A. (2009). *Algumas Notas em torno ao Romanceiro da Tradição Oral recolhido no âmbito do Plano Trabalho e Cultura dirigido por Michel Giacometti*. Centro de Tradições Populares Portuguesas “Manuel Viegas Guerreiro”. Recuperado de: <<https://www.yumpu.com/user/ww3.fl.ul.pt>> [Último acesso: 10/06/2021].
- Leite, R. M. (2013). Manuel Viegas Guerreiro. En *Dicionário de Historiadores Portugueses da Academia Real das Ciências ao final do Estado Novo*. Centro de História da Universidade de Lisboa. Recuperado de: <[http://dichp.bnportugal.pt/instituicoes/instituicoes\\_academia\\_ciencias.htm](http://dichp.bnportugal.pt/instituicoes/instituicoes_academia_ciencias.htm)> [Último acesso: 10/06/2021].
- Mariotto, E. José Leite de Vasconcellos. *Biografias*. Instituto Camões. Recuperado de: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:YxH24fsHTCj:cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xix/jose-leite-de-vasconcelos.html+&cd=2&hl=es&ct=clnk&gl=pt#.YMJHCDZ1BQI>> [Último acesso: 10/06/2021].
- Pinto Correia, J. D. (2011). Património Imaterial Português: notícia das NR / LOT-CTPP (Recolhas de Literatura Oral Tradicional) de 2002 a 2007. En Morujão, Isabel e Santos, Z.(coords.), *Literatura culta e popular em Portugal e no Brasil – Homenagem a Arnaldo Saraiva* (225-245). CITCEM - Edições Afrontamento. Recuperado de: <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id024id1410&sum=sim>> [Último acesso: 10/06/2021].
- Pinto Correia, J. D. (1993). Os Géneros da Literatura Oral Tradicional: Contributo para a sua Classificação. *Revista de Língua Portuguesa*, 9, 63-69.
- Pinto Correia, J. D. (1992). Para uma Teoria do Texto da Literatura Popular Tradicional. En Viegas Guerreiro, M. (coord.), *Literatura Popular Portuguesa. Teoria da Literatura Oral / Tradicional / Popular* (101-128). ACARTE - Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pinto Correia, J. D. **Manuel Viegas Guerreiro**. *Biografias*. Instituto Camões. Recuperado de: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xx/manuel-viegas-guerreiro-dp1.html#.YC6usy0qLV0>> [Último acesso: 10/06/2021].
- Ramalhete, A. M<sup>a</sup> e Júdice, N. (2009). *Romanceiro da Tradição Oral. Recolhido no âmbito do Plano Trabalho e Cultura dirigido por Michel Giacometti*, 2 vols. Edições Colibri - Instituto de Estudos de Literatura Tradicional.
- Saraiva, A. (1980). *Literatura Marginalizada – Novos Ensaios*. Edições Árvore.
- Valenciano, A. (2006). Críticas a la edición y edición crítica de los romances de la tradición oral moderna. En Santiago, R., Valenciano, A. e Iglesias, S. (eds.), *Tradiciones discursivas: edición de textos orales y escritos* (45-69). Editorial Complutense, 2006.
- Valenciano, A. (1998). O estabelecimento dos textos: dos “textos” memorizados o oralizados dos portadores de tradição ós “textos” escritos publicados nunha edición crítica. En *Romanceiro Xeral de Galicia, I. Os romances tradicionais de Galicia* (958-123). Fundación Ramón Menéndez Pidal - Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias Ramón Piñeiro.
- Vasconcellos, J. L. de (1975, 1979, 1983). *Cancioneiro Popular Português*, 3 vols., Zaluar Nunes, M<sup>a</sup> A. (coord.). Acta Universitatis Conimbrigensis.

- Vasconcellos, J. L. de (1958-1960). *Romanceiro Português*, 2 vols. Acta Universitatis Conimbrigensis.
- Vasconcellos, J. L. de (1964). *Contos Populares Portugueses*, 2 vols., Paulo Soromenho, C. e Silva Soromenho, A. Da (coords.). Acta Universitatis Conimbrigensis.
- Vasconcellos, J. L. de (1933-1988). *Etnografia Portuguesa-Tentame de sistematização*, 10 vols. Imprensa Nacional, Casa da Moeda [A partir do vol. IV, organização de Manuel Viegas Guerreiro, com a colaboração de Alda da Silva Soromenho, Paulo Caratão Soromenho e prefácio de Orlando Ribeiro].
- Viegas Guerreiro, M. (1982). *Guia de Recolha de Literatura Popular*. Instituto Português de Património Cultural.

A coleção de romances depositada no Centro...

## ANEXO



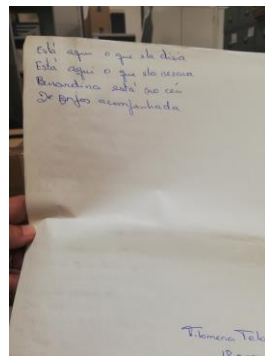
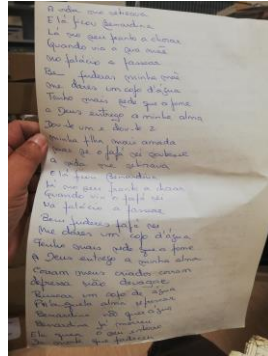
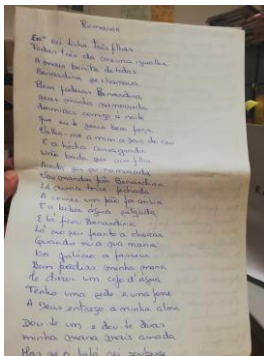
Sala de trabalho



Ficheiros das recolhas - Suportes em papel



Diversidade de suportes de som



Exemplo de transcrição manuscrita de uma versão, em folha não normalizada (*Delgadinha* - Recolha de 1979, na Ilha da Madeira [inédita]).